

CÂMBIO

Banqueiro diz que real está salvo por enquanto

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — A moeda brasileira, principal símbolo da estabilidade econômica, não será corroída por dois fantasmas que voltaram a aterrorizar a mente do brasileiro: inflação e reindexação dos preços, que alimenta ainda mais o custo de vida. Como o país está se defendendo bem da crise, a recessão neste ano cairá muito — a queda do crescimento poderá chegar a 2%. Os juros deverão continuar baixando de forma constante, caindo dos atuais 39,5% para 20% ao ano em dezembro. No próximo ano, a economia deve se recuperar com mais força, e crescerá entre 4% e 5%.

Quem faz todos esses comentários otimistas sobre o país é Arturo Porzecanski, diretor do banco ING Barings em Nova York, um dos economistas mais influentes em Wall Street. Suas opiniões positivas têm ainda mais importância porque ele sempre foi um dos principais críticos da sobrevalorização da moeda brasileira, mantida por três anos pelo Ministério da Fazenda.

O diretor do ING Barings é categórico ao afirmar que neste mês o país estará bem melhor, pois a recessão iniciada em meados do ano passado terá chegado ao fim. "O Brasil vem reagindo. A situação ficará melhor com o início dos superávits comerciais vindos das exportações, além do regresso mais firme dos investidores internacionais", diz.

-FORTALECIMENTO

Para Porzecanski, o Brasil se tornará o primeiro país em desenvolvimento que desvalorizou a moeda nos últimos anos e escapará de dois terríveis problemas: inflação elevada por muitos meses e violenta queda de crescimento. Depois da crise da Ásia, a Coréia viu seu nível de atividade cair muito. A expansão do país em 1997 ficou em 5%, mas a recessão provocada pela depreciação do won, a moeda local, foi violenta.

Vários fatores explicam porque o

Brasil sairá, na opinião do analista, fortalecido da desvalorização. O câmbio é flexível, e oscila de acordo com as expectativas financeiras do mercado sobre a saúde financeira do Tesouro. Essa política obriga o governo a ser austero com as contas públicas. Aos olhos dos investidores, o menor sinal de que o país não economizará R\$ 28 bilhões para atenuar as despesas de juros, provocará nova fuga de capitais. O dólar ficará mais caro, o que vai alimentar de novo a inflação, devido ao aumento do custo de equipamentos e alimentos importados. É por isso que o governo está sendo cauteloso com os juros para não permitir o retorno da inflação.

Na avaliação de Porzecanski, a disposição do governo de cortar gastos e o apoio do Fundo Monetário Internacional e 20 países credores estão recuperando gradualmente a confiança dos investidores. "Arminio Fraga, presidente do BC, disse que era objetivo do governo ter 100% das linhas de crédito para o país recuperadas em julho. A credibilidade do Brasil melhorou e acredito que essa meta será alcançada antes, em junho", comenta.

Outro sinal positivo de que o Brasil vem reconquistando a credibilidade no exterior está na aguardada emissão internacional de títulos do governo. O lançamento dos papéis poderá ocorrer ainda neste mês. O Banco Central já admitiu que a venda poderá chegar a US\$ 1 bilhão. "Existe uma demanda grande, que pode alcançar até US\$ 4 bilhões", afirma Porzecanski. "Depende como esse papel é negociado, inclusive qual será o prêmio pago".

Porzecanski, contudo, acredita que o país poderá viver turbulências nos próximos meses, mesmo com a esperada queda do câmbio para R\$ 1,60 no segundo semestre. "Para o Brasil assegurar essa expansão terá que adotar medidas estruturais. Será a hora de anunciar uma agenda detalhada, que mostre como será o desenho do ajuste fiscal, o tamanho do Estado", afirma.